



CCB

CONCERTO INAUGURAL DA TEMPORADA 2009/2010

All'Improvviso

Ciaccone, Bergamasche & un po' di Follie...

L'ARPEGGIATA . DIVINO SOSPIRO . CHRISTINA PLUHAR



**CONCERTO INAUGURAL
DA TEMPORADA 2009/2010**

All'Improviso

Ciaccone, Bergamasche & un po' di Follie...

L'Arpeggiata

Orchestra Divino Sospiro

Christina Pluhar *tiorba e direção*

GRANDE AUDITÓRIO . 13 SETEMBRO 09 . 19H . M/6

Giovanni B. Buonamente (1595-1642)

Intrata

Cavaliere / Pluhar

Aria di Firenze

Lucilla Galeazzi (n. 1950)

A vita bella

Philipp Van Wichel (c.1610-1675)

Ciaccona

Improvisação

Follia

Traditionelle pugliese

Pizzicarella mia

Huete/ Improvisação

Tarantella Napoletana

Maurizio Cazzati (1616-1678)

Passacaglia

Traditionelle pugliese

La Carpinese

Improvisação

Bergamasca

Luigi Rossi (c.1597-1653)

Sinfonia + Ballo

G.B. Buonamente (1595-1642)

Poi che noi rimena

Lucilla Galeazzi/ Improvisação

Voglio una casa

Santa Cruz/ Improvisação

Jacaras

Mattei /Pluhar/ Improvisação

La dia spagnola

Girolamo Kapsberger (c.1580-1651)

Arpeggiata

Lucilla Galeazzi (n. 1950)

Sogna, fiore mio

Tradicional

Tarantella Italiana

Luigi Rossi (c.1597-1653)

Dormite, begl'occhi

Tradicional

Lu Gattu

Santiago de Múrcia (?-c.1732)

Fandango

Improvisação

Turlurù

Kapsberger/ Improvisação

Kapsberger

Improvisação

Ciaccona

Gianluigi Trovesi (n.1944)

Animali in Marcia

Improvisação

Ninna, nanna sopra la Romanesca



L'Arpeggiata

Lucilla Galeazzi voz
Gianluigi Trovesi clarinete
Marcello Vitale chitarra battente
Doron Sherwin corneto
Margit Übellacker saltério
David Mayoral percussão
Anna Dego *teatrodanza*
Christina Pluhar tiorba e direcção

Divino Sospiro

Violino 1
Alessandro Tampieri concertino
Elisa Bestetti
Reyes Gallardo

Violino 2

Raul Orellana chefe de naipe
Miriam Macaia
Nuno Mendes

Viola

Massimo Mazzeo chefe de naipe
Tera Shimizu

Violoncelo

Diana Vinagre chefe de naipe
Ana Raquel Pinheiro'

Contrabaixo

Duncan Fox

Flauta

Pedro Castro
Pedro Couto Soares

Dulcina (Baixão)

José Rodrigues Gomes

Tiorba

Pietro Prosser

Cravo e Órgão

Fernando Miguel Jaloto

COM RIGOR E EM LIBERDADE

No dia 19 de Setembro de 2006, a formação instrumental barroca Divino Sospiro iniciava o seu estatuto de Orquestra em residência no CCB com a apresentação do concerto inaugural da temporada 2006/2007. Três anos depois, Divino Sospiro volta a protagonizar o início da temporada do CCB com o programa que esta noite apresentamos, no qual participa também o agrupamento L'Arpeggiata, com direcção musical de Christina Pluhar.

Durante estes três anos, a relação da formação dirigida por Massimo Mazzeo com o CCB tem vindo a aprofundar-se e a definir-se melhor. Eixo fundamental do trabalho deste ensemble barroco é a riquíssima capacidade de intercâmbio e de criação de cumplicidades musicais com outras formações ou grandes intérpretes especializados. Enrico Onofri, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Vittorio Ghielmi, Christophe Coin, Maria Cristina Kiehr são apenas alguns dos nomes que, nestes três anos de residência no CCB, a Divino Sospiro mostrou ser capaz de atrair e de motivar para um projecto musical de excelência. A consolidação do trabalho e da qualidade do agrupamento permitiu levá-lo a aceitar desafios que o CCB lhe propôs e a apresentar propostas de grande ambição, de que foi momento alto a execução da *Paixão Segundo S. Mateus*, de J. S. Bach, na Páscoa de 2009.

De todo este percurso é exemplo feliz – e imensamente festivo – o concerto desta noite, no qual Christina Pluhar retoma um conceito que lhe é caro: o da utilização dos instrumentos barrocos para a criação de um espaço musical regido pela mais exultante liberdade concedida aos músicos, ainda que o resultado final seja sempre o de um enorme rigor técnico e interpretativo. *All'Improvisio* calha bem, como título, ao espectáculo desta noite, no qual se sucedem ritmos e danças, músicas e risos, gestos e palavras, afinal, as matérias de que são feitos os sonhos com que construímos a programação da temporada que agora se inicia.

13 de Setembro de 2009 | Fundação Centro Cultural de Belém

L'ARPEGGIATA

CHRISTINA PLUHAR, direcção

L'Arpeggiata é um ensemble vocal e instrumental de geometria variável centrado à volta da personalidade do seu director musical, Christina Pluhar, que catalisa, através do seu entusiasmo e profissionalismo, a prestação dos músicos.

Engloba os melhores instrumentistas europeus actuais e propõe programas em colaboração com cantores excepcionais vindos tanto da área do barroco, tanto da música tradicional e mesmo do mundo da música em geral. A exigência do seu trabalho artístico é, hoje em dia e de forma unânime, reconhecida e aplaudida.

Desde a sua criação, no ano 2000, L'Arpeggiata tem como vocação explorar a música rica do repertório pouco conhecido dos compositores romanos, napolitanos e franceses do primeiro barroco. Esta vocação exprime-se numa nova prática vocal por um trabalho aprofundado sobre a interpretação do recitar cantando, assim como o canto influenciado pela música tradicional.

O ensemble tem ainda como fio condutor a improvisação instrumental e a investigação sobre instrumentação, explorando a sua riqueza na mais pura tradição barroca, e a criação e encenação de "acontecimentos". Desta forma, favorece o encontro da música e do canto com outras disciplinas barrocas, indissociáveis à época, como a dança e o teatro.

As suas gravações têm sido unanimemente aplaudidas quer pelo público, quer pela comunicação social: *La Villanella*, dedicado à música de Girolamo Kapsberger, foi nomeado “acontecimento do mês” no *Répertoire des disques* em Setembro de 2001 e recebeu o Premio internazionale del disco per la musica italiana. O segundo disco *Homo fugit velut umbra*, dedicado à música de Stefano Landi, foi igualmente distinguido pela imprensa: 10 de *Répertoire*, Diapason Découverte, CD da semana pela BBC, CD do mês na Amadeus (Itália), Prix Exellencia na revista *Pizzicato* (Luxemburgo).

O CD *La Tarantella* propõe um encontro entre músicos barrocos e tradicionais, um encontro aplaudido pela crítica com um 10 de *Répertoire*, CD da semana pela *France Musique*, CD do mês pela *Toccata* (Alemanha), Cannes Classical Awards 2004. O quarto CD, *All'Improviso*, editado em Junho de 2004, propõe um encontro inesperado entre o jazz e o barroco, e em Dezembro 2004 é editado *Rappresentazione di Anima et di Corpo* de ‘Emilio di’ Cavalieri em co-produção com o festival Oude Muziek Utrecht. Em 2006 foi editado o disco *Los Impossibles* e em 2009 o disco *Monteverdi – Teatro d’Amore*.

L’Arpeggiata participa regularmente nos maiores festivais em França e na Europa: Londres Lufthansa, Oude Muziek Utrecht, Festival d’Anvers, Printemps des Arts de Nantes, Ambronay, Rencontres de Vezelay, Festival Musique Sacrée de Fribourg, Pflingstfestspiele Melk, Sommerklang Freiburg, Academie Bach Arques-La-Bataille, Emociana Antigua-Madrid, Segni Barocci-Foligno, Flagey em Bruxelles, Festival de Saint Michel-en-Thiérache, Festival de Sablé-sur-Sarthe, Brugge Musica Antica, etc.

L’Arpeggiata tem o apoio da Fondation France Télécom e da DRAC-Ile-de-France.



DIVINO SOSPIRO

“...soar como os melhores. Tal como o público, verdadeiramente entusiasmado Ficámos a suspirar por mais...” in *Jornal Público*

Fundada pelo músico italiano Massimo Mazzeo, a Orquestra Barroca Divino Sospiro nasce da vontade e reunião de alguns músicos portugueses e residentes em Portugal que, no decorrer dos anos, desenvolveram um trabalho de grande qualidade artística na área da interpretação da música antiga seguindo os princípios de fidelidade estilística e estética ao período barroco e clássico, propondo um repertório constituído por compositores do universo musical destes períodos artísticos.

Numerosas foram as aparições públicas deste grupo musical, entre as quais as realizadas na Festa da Música nas edições de 2003, 2005 e 2006, festivais nacionais e internacionais como o Festival de Música de Leiria, o Festival d’Ile de France, concerto que foi gravado pela Radio France, Teatro Nacional de São Carlos, Folles Journées de Nantes, Folles Journées no Japão onde se estreou com grande sucesso de crítica e público que lhe dedicaram uma recepção de grande entusiasmo, Festival de Varna, Fevereiro Lírico em San Lorenzo de L’Escorial e o conceituado Festival d’Ambronay, onde o agrupamento, primeira orquestra portuguesa, teve a honra de actuar no concerto de encerramento.

As actividades do agrupamento incluem a gravação ao vivo do concerto dedicado a W. A. Mozart (*Sinfonia K550* e *Serenada Notturna, K239*) para a editora japonesa Nichion. Esta gravação recebeu no Japão o galardão de *bestseller* e esteve várias semanas no topo de vendas nas maiores lojas especializadas daquele país. Divino Sospiro apresentou-se em concertos com algumas das mais importantes personalidades do panorama artístico a nível mundial, tais como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Enrico Onofri, Christophe Coin, Katia e Marielle Labèque, Christina Pluhar, Alexandrina Pendatchanska, Gemma Bertagnolli, Maria Cristina Kiehr, Vittorio Ghielmi, entre outros. As actuações do grupo foram gravadas por alguns dos canais radiofónicos e televisivos mais relevantes da Europa: Radio France, France Musique, Mezzo, RTP, Antena2. Entre múltiplas acções, o Divino Sospiro desenvolve uma intensa actividade de aperfeiçoamento pedagógico e musical que teve como primeiros passos as *master-classes* de violino barroco orientadas pelos eminentes violinistas Chiara Banchini e Enrico Onofri, organizadas respectivamente em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional e com o Centro Cultural de Belém, e que continuaram até hoje, no CCB, com a presença importante de Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Chiara Banchini e Alfredo Bernardini, Alberto Grazi, Vittorio Ghielmi e Marc Hantaï. Sempre na vertente educativa destaca-se o convite feito ao Divino Sospiro pela Reitoria da Universidade de Évora para a abertura de mestrado em interpretação com instrumentos antigos em colaboração com o departamento de música da Universidade.

Divino Sospiro é actualmente orquestra em residência do Centro Cultural de Belém em Lisboa, sendo este facto de fundamental e recíproca importância para o desenvolvimento em Portugal de uma realidade artística de alta qualidade a nível internacional, e conta regularmente com a direcção de Enrico Onofri, que aceitou o convite para maestro oficial deste agrupamento. Recentemente, o Divino Sospiro participou no Mozartiana Festival, na cidade de Gdansk (Polónia), onde, com grande sucesso de público e crítica, interpretou *O Messias* de G. F. Handel na versão de W. A. Mozart.

Os próximos compromissos do Divino Sospiro incluem a estreia no Auditório Nacional de Espanha em Madrid, primeira orquestra barroca portuguesa a estrear-se nesse auditório, no Bargemusic Festival em Nova Iorque, primeira orquestra barroca portuguesa a estrear-se naquela cidade, nos Festivais de Namur e Saint-Michel-en-Thiérache e, no Outono de 2010, o regresso ao conceituado Festival d’Ambronay.



CHRISTINA PLUHAR

É natural de Graz, Áustria. Foi depois dos seus estudos de guitarra clássica na Universidade de Graz que descobriu o gosto pela música barroca e da renascença.

Dedica-se então ao alaúde e ao seu repertório, que vai estudar no Conservatório Real da Haia e na Schola Cantorum Basiliensis com Hopkinson Smith. Estuda harpa barroca com Mara Galassi na Scuola Civica di Milano e participa em *master-classes* com Paul O’dettes, Andrew Lawrence-King e Jesper Christensen.

Em 1992 instalou-se em Paris, apresentando-se regularmente nos mais prestigiados festivais e teatros. Colabora com diversos agrupamentos, como La Fenice (Jean Tubery), Concerto Soave (Maria Cristina Kiehr), Elyma (Gabriel Garrido), Les Musiciens du Louvre (Marc Minkowski), Ricercar Consort (Philippe Pierlot), La Grande Ecurie et la Chambre du Roi (Jean-Claude Malgoire), Cantus Cölln (Konrad Junghänel). É solicitada por orquestras dirigidas por René Jacobs, Ivor Bolton, Alessandro di Marchi, Marc Minkowski e Gabriel Garrido. De 1997 a 2003 foi assistente de Ivor Bolton e directora de canto na Staatsoper de Munique.

É fundadora do ensemble L’Arpeggiata, com o qual gravou uma série de discos para as editoras Alpha e Naïve Classique. Os discos foram aplaudidos pela imprensa especializada (10 de *Répertoire*, Diapason d’Or, Prix Exellencia, CD da semana BBC e *France Musique*...).

Desde 1993, orienta *master-classes* na Universidade de Graz (Áustria) e, a partir de 1999, começou a leccionar harpa barroca no Conservatório Real da Haia.

ALGUMAS ANOTAÇÕES AO PROGRAMA:

CIACCONA, BERGAMASCHE... *

Os *baixo ostinato* exerceram desde sempre um grande fascínio. Constituíram, e ainda constituem, a base da música tradicional espanhola, italiana, portuguesa e sul-americana; encontraram o seu lugar nas músicas de todas as cortes da Europa, alcançando a sua máxima popularidade entre os séculos XVI e XVIII; foram redescobertos pelos românticos, depois por compositores contemporâneos, e foram ainda adoptados por músicos de jazz. Em todos os casos, qualquer que seja a linguagem musical ou cultura, permitem capacidade e liberdade de improvisação vocal e instrumental, e permitem que tanto compositores como intérpretes demonstrem a sua criatividade, imaginação e virtuosismo.

A existência de *baixos ostinato* antecede as primeiras fontes de escrita. A maior parte dos que eram utilizados na Itália do século XVII eram danças-canção tradicionais importadas da América do Sul e do Mediterrâneo, e nos esquemas harmónicos destas canções os textos eram improvisados.

CIACCONA

A *ciaccona* (chacona), uma dança-canção tradicional de origem sul-americana, surgiu no Peru no século XVI. A dança foi depois adoptada em Espanha no início do século XVII, antes de chegar a Itália via Nápoles.

Em Espanha, era utilizada em sequências cómicas (e por vezes obscenas), acompanhada por guitarras, castanholas e um tamborim.

* Texto adaptado do CD *All'Improviso* (Alpha, 2004).

Em Itália, foi desenvolvido o baixo melódico, sincopado. Este era muito popular entre compositores do século XVII, que acrescentaram adornos instrumentais e vocais virtuosísticos aos esquemas harmónicos.

A *ciaccona* barroca posterior foi transformada harmonicamente até se tornar muito parecida com a *passacaglia*.

BERGAMASCA

A *bergamasca* é uma canção e dança tradicionais da província de Bérgamo. Entre as primeiras peças que empregam o nome há dois exemplos com texto, canções em dialecto bergamasco de Filippo Azzaiolo (1569). É impossível saber se os textos eram originalmente poemas em dialecto ou canções tradicionais. No século XVII muitas composições virtuosas eram baseadas neste tema, que ainda hoje pode ser encontrada na música tradicional italiana.

FOLIA

Em 1611, Covarrubias Horozco explicou que o nome *folia*, significando "louco" ou "cabeça oca", era apropriado uma vez que a dança era tão rápida e barulhenta que os bailarinos pareciam doidos.

As fontes que chegaram até aos nossos dias não nos permitem determinar se a *folia* é de origem europeia ou sul-americana. O nome apareceu pela primeira vez em Portugal no século XV, ligado ao canto e à dança, e cedo se disseminou em Espanha. A *folia* pode ter sido uma das primeiras danças importadas para Portugal do Novo Mundo. Textos de *folias* portuguesas aparecem em obras de Gil Vicente (escritas entre 1503 e 1529) e textos espanhóis na *Recopilación en metro* de Diego Sanchez de Badajoz (publicada postumamente em 1554).



No século XVII, a *folia* era popular em Espanha enquanto dança cantada, acompanhada por uma guitarra de cinco ordens de cordas e por sonajas (discos de metal presos a um anel de madeira).

No início do século XVII, em Itália, foram escritas muitas *folias* em notação alfabética para guitarra; estas peças requerem improvisação rítmica por parte do guitarrista.

No século XVIII a *folia* instrumental tornou-se um tema nobre, palaciano. A sua harmonia rara e imutável serviu de base às composições virtuosas em Itália e França.

PASSACAGLIA

O nome tem origem em *pasar* (andar) e *calle* (rua); provavelmente, a *passacaglia* era originalmente uma canção que era cantada caminhando pela rua, por exemplo em procissão. O termo ficou associado em Espanha aos *ritornellos* instrumentais que eram executados entre os versos da canção (*ritornello-passacaglia*). A música dessas peças segue a sequência harmónica I-IV-V-I e pode ser em modo maior ou menor, métrica tripla ou quádrupla.

Durante o século XVII, em Itália, surgiu o famoso tetracorde menor descendente que, utilizado no baixo do lamento, caracteriza as composições vocais e instrumentais que dão pelo nome de *passacaglia*. Mas com este mesmo nome também se encontram outros esquemas harmónicos: variações cromáticas do tetracorde descendente, tetracorde maior descendente (que mais tarde se uniu à *ciaccona*), a sequência I-IV-V-I do *ritornello-passacaglia* (tal como na peça anónima intitulada *Passacaglia della Vita*, na qual o esquema harmónico corresponde à definição de 1641 de Athanasius Kircher do baixo da *tarantella*).

Hoje em dia, o *ritornello-passacaglia* ainda se encontra na música tradicional sul-americana com o nome de *passacalle* ou *paseo*.

ROMANESCA

A *romanesca antica* surgiu no século XVI com nomes diferentes. A sua delicada harmonia foi escrita pela primeira vez em 1530 e em 1546 Alonso Mudarra apresentou uma peça intitulada *Romanesca: o Guàrdame las vacas*. Essas peças também apareceram com os nomes *Favorita* ou *Fantinella*.

Em Itália, no início do século XVII, surge um novo baixo que

não tinha nada em comum com a *romanesca antica* mas que todavia era conhecida como *romanesca*. Nas obras de Santiago de Múrcia (México, início do século XVIII) encontramos dois exemplos da *romanesca antica*, cada uma com um diferente ritmo: *Bacas* (3/2) e *Los Impossibles* (6/4). A *romanesca antica* ainda se encontra na música tradicional mexicana.

ESPAÑOLETA OU SPAGNOLETTA

Dado ao seu nome, seria de esperar que a *españolleta* fosse de origem espanhola. No entanto, a música apareceu pela primeira vez em Itália em *Il Ballerino de Caroso* (1581). Inúmeras versões foram compostas desde essa época até ao final do século XVII: Negri, Bentivoglio, Frescobaldi, Storace, Zanetti, Giamberti, Caresena, Giramo, Coferati, Briceno, Sanz, Guerau. A indicação "Parole sopra la spagnoletta" acompanha um texto num manuscrito florentino, e Matteo Coferati atribuiu um texto sagrado à melodia improvisada na sua *Corona sacre canzoni* (1689).

No seu baixo tripartido, é interessante verificar que a primeira secção é semelhante em harmonia e ritmo à *tarantella* napolitana descrita por Athanasius Kircher.

KAPSBERGER

Este baixo fascinante e surpreendentemente moderno foi "inventado" pelo compositor Girolamo (ou Hieronymus) Kapsberger em 1641, o que explica o seu nome. É a ambiguidade métrica (entre um sugestivo 6/8, um 3/4 ou um 4/4 sincopado) que lhe confere o seu som inesperadamente actual.

A composição de novos *baixos ostinato* não era invulgar. Os *ostinatos* retirados da música tradicional eram de tal forma populares que muitas novas melodias para baixo surgiram através de compositores italianos como Monteverdi (*Laetatus sum*), Cazzati (*Capriccio supra sette note*), Merula (*Ninna, Nana*), Sances, Cavalli, entre muitos outros. Da mesma forma, inúmeros temas foram compostos por Byrd, Purcell e Simpson em Inglaterra, e depois por Schmelzer, Biber, Buxtehude, Bach e Handel na Alemanha e na Áustria.

ALFABETO PER LA CHITARRA SPAGNOLA

O alfabeto era um sistema de notação de acordes para guitarra barroca, onde acordes de cinco notas para a mão esquerda eram representados em estenografia por um símbolo simples (letras do alfabeto). Este tipo de notação, surgida no século XVII, deixa o guitarrista completamente livre para improvisar ritmo e melodia, para construir a peça como entender e para decidir a sua duração. Tal como no flamenco, podem-se usar as técnicas *rasgueado* ou *punteado*.

A *chitarra spagnola*, uma nova guitarra barroca de cinco cordas importada de Espanha via Nápoles, que se tornou extremamente popular em Itália, foi responsável pela vasta propagação dos *baixos ostinato* na música instrumental italiana do século XVII. A *Nuova inventione d'intavolatura por sonare li balletti sopra la chitarra spagnuola, senza numeri e note* (Nápoles, 1606) de Girolamo Montesardo, uma série de peças para guitarra barroca utilizando



o sistema alfabético, foi uma das primeiras obras publicadas a conter um grande número de *baixos ostinato*. Muitas outras publicações deste género sucederam-lhe por toda a Itália até cerca de 1640. O sistema alfabético é uma forte testemunha do carácter improvisado destas peças.

Logo após o aparecimento das primeiras publicações para guitarra barroca no século XVII, quase todos os compositores italianos utilizavam *ostinatos* nas suas peças, quer fossem sagradas ou profanas. Até ao final do século o carácter de improvisação de tais peças era sobretudo preservado na música instrumental.

Variações sobre *baixos ostinatos* para instrumentos harmónicos, tais como o cravo, a tiorba, o alaúde, a guitarra e a harpa, ou para um conjunto de instrumentos melódicos podem ser classificados da seguinte forma:

- 1) Obras publicadas, onde as sucessivas variações – claras na sua estrutura – são caracterizadas pela criatividade e virtuosismo ao nível da composição;
- 2) Manuscritos e obras publicadas onde algumas ideias de improvisação foram registadas, mas onde apenas algumas das variações foram brevemente delineadas. Muitos destes exemplos são esboços que não podem ser utilizados como peças completas, no entanto fornecem informação valiosa sobre a linguagem musical e a prática de improvisação;
- 3) Uma combinação das duas categorias acima mencionadas, providenciando um determinado número de variações compostas (ou *diferenzias*) que podem ser alteradas, alongadas ou encurtadas por intermédio do improviso.

Na música vocal sobre *baixos ostinato* do século XVII podem ser observadas duas práticas diferentes:

Existem numerosas referências a composições muito livres no que diz respeito às palavras, à liberdade dos cantores na improvisação. Um número considerável de manuscritos e de edições apenas facultam textos para voz em italiano, espanhol ou em alguns dialectos italianos; não contêm melodia escrita e não dão indicações claras sobre o ritmo; a harmonia é representada alfabeticamente acima do texto; a melodia pode ser improvisada. A falta de indicações na notação significa que estas peças são praticamente impossíveis de reconstruir hoje em dia mas, no entanto, incluímos dois trechos: *Turlurù* e *Ninna, Nana*, que transmitem o espírito desse estilo.

As improvisações vocais sobre as harmonias da bergamasca e da romanesca, bem como a escolha de textos em dialecto (correspondendo às regiões onde as linhas de baixo tiveram origem), pretendem sublinhar o carácter de improvisação de um estilo que julgamos que deverá estar representado no nosso programa.

No entanto, a maior parte das composições vocais italianas são peças nas quais o compositor torna o significado das palavras ainda mais expressivo. Neste caso, a margem de improvisação está limitada ao acompanhamento e aos *intermezzos* instrumentais realizados pelo contínuo. As qualidades emocionais e a expressividade do texto estão novamente reflectidas no requinte das diminuições vocais e são apoiadas pelas improvisações dos instrumentos de acompanhamento. O *baixo passacaglia* foi definido apenas como um “lamento baixo” pelas primeiras composições vocais em Itália e, desta forma, assumiu esse carácter na música instrumental. Contudo, curiosamente, não se conservou uma enunciação estabelecida. Podem-se encontrar textos de lamento em *ciacconas* (*Voglio di vita uscìr de Ferrari*) e textos apaixonados em *passacaglias* (*Usurpator Tiranno* de Sances) – o que leva a concluir, mais uma vez, que o tempo dos *baixos ostinato* foi adaptado flexivelmente de modo a adaptar-se às características do texto.

O *baixo ostinato* surgiu no século XVI e atingiu o seu apogeu por volta de 1600, precisamente no momento de maior efervescência na história musical, quando emergiram uma nova percepção do mundo, novos instrumentos musicais e uma nova linguagem musical. É contraditório e complexo – porque sujeito a processos de mudança constante – expressar, por um lado, a ânsia desmedida dos músicos pela liberdade artística e pela busca constante de novas ideias e, por outro, a sua ligação a uma tradição que está profundamente enraizada nas suas almas e na sua cultura.

...E UN PO' DI FOLLIE

“L’antica musica ridotta alla moderna prattica”
(Nicola Vicentino, Roma, 1555)

Todos os músicos se confrontam com as mesmas questões. Devemos elaborar ou preservar, interpretar ou criar? Até onde podemos ou devemos ir em termos de inovação? Onde estão os limites? E onde – acima de tudo – podemos ou devemos ultrapassar esses limites?

O aparecimento de um novo estilo é sempre o resultado da



consumação de um estilo anterior; as novas ideias têm sempre raízes cavadas profundamente em concepções anteriores.

Quer na complexidade rítmica da *ars subtilior* da Idade Média tardia, na polifonia a cinquenta e quatro vozes do final do Renascimento, na *monodia* e na *seconda prattica* do primeiro barroco, na ornamentação do barroco pleno, na exploração do nosso sistema tonal durante o período romântico tardio, assim como na sua explosão na dodecafonía, o homem andou sempre à procura dos limites com o objectivo de os ultrapassar.

A justaposição, no século XX, de todos esses estilos é única na história da música, a discriminação entre música “ligeira” e “séria” e a divisão em música antiga, clássica e contemporânea. Único também é o rápido desenvolvimento criativo da chamada música “ligeira”, desde o jazz tradicional ao *free jazz*, do *beat* e *pop* ao *rock*, *jazz-rock* e *hard rock*, *heavy metal*, *techno*, *rap* e *crossover*. Esta música “ligeira” contemporânea atrai grande parte do público actual, ao passo que a música “séria” contemporânea tem-se vindo a tornar gradualmente mais distante do ouvinte. Além disso, é a música “clássica”, com seu repertório imutável e as respectivas regras interpretativas rigorosamente definidas, ao não deixar espaço para a inovação, que verdadeiramente deveria ser descrita como “antiga”. E é a chamada música “antiga” que é, na verdade, a fonte de novas ideias, levando-nos a redescobrir a harmonia, a vasta gama de cores proporcionada pelos seus instrumentos, a beleza inefável dos seus diversos estilos e, acima de tudo, a liberdade interpretativa e de improvisação que permite aos músicos, depois de terem entendido as regras essenciais. Desde há várias gerações que os músicos têm tido como missão redescobrir e assimilar as regras de uma cultura que desapareceu há muito tempo, de dominar, com todo o virtuosismo necessário, os instrumentos e a música de uma tradição já há muito terminada. A sua paixão e dedicação abriram todo um novo território de possibilidades musicais.

No século XXI, parece ter-se alcançado um ponto onde o espaço e o tempo convergem, criando uma ponte entre diversos modos de expressão. Depois de explorar todas as possibilidades harmónicas e rítmicas do nosso sistema tonal durante centenas de anos, aspira-se agora a uma linguagem harmónica universal que seja capaz de transmitir a essência da música, permitindo ao músico uma certa liberdade e comovendo o ouvinte. Os limites desaparecem, enquanto músicos de culturas diferentes se juntam e formam imagens

caleidoscópicas com linguagens musicais diversas.

Improvisar, tentando preencher o fosso entre dois estilos de música, levanta naturalmente algumas questões. Teremos o direito de o fazer? O que nos é permitido fazer exactamente? Qual é o nome que se dá ao estilo que daí resulta?

Mas as questões mais interessantes são estas: o que temos em comum? Qual é a essência básica da improvisação? O que podemos aprender uns dos outros?

Para um músico, qualquer que seja o seu contexto, a improvisação é a forma mais directa de comunicação com o ouvinte. Em todas as épocas e culturas, a improvisação antecedeu toda e qualquer forma de música. Expõe a nossa verdade, a nossa voz interior, que tem sido afectada pela nossa formação musical. Hoje somos livres de escolher, e o caminho escolhido é uma expressão do nosso ser mais profundo. A música que utilizamos para expressar as nossas emoções é o espelho da nossa alma.

Christina Pluhar, Paris, Abril 2004

Tradução de Mafalda Melo Sousa



CCB . CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL] . **CENTRO DE ESPECTÁCULOS** DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO PAULO BARBOSA I INÊS CORREIA I PATRÍCIA SILVA I HUGO CORTEZ I INÊS LOPES ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES I PATRÍCIA COSTA I PAULA FONSECA ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA I SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA I CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO I SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS I TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS I LUÍS SANTOS I RAUL SEGURO I TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO I F. CÂNDIDO SANTOS I VÍTOR PINTO I CÉSAR NUNES I JOSÉ CARLOS ALVES I HUGO CAMPOS I MÁRIO SILVA I RICARDO MELO I RODRIGO OLIVEIRA I RUI CROCA I CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO I EDUARDO NASCIMENTO I LUIS GARCIA SANTOS I NUNO BIZARRO I PAULO CACHEIRO I NUNO RAMOS I CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA I LUÍS TEIXEIRA I VÍTOR HORTA

www.  **.pt**


sabia que, no nosso site, é possível...

- . conhecer a **temporada 2009/10**
- . consultar a **programação pormenorizada até Dezembro**
- . consultar/imprimir antecipadamente os **programas de sala**
- . ver/ouvir **apresentações** dos espectáculos
- . aceder à **newsletter** semanal (através de registo)
- . consultar a **informação adicional** sobre os artistas
- . comprar e imprimir os **bilhetes** em casa
- . consultar a programação para **miúdos e graúdos**
- . conhecer as vantagens exclusivas **Cartão Amigo CCB e Empresa Amiga**
- . conhecer a Sala de Leitura, o Centro de Reuniões, restaurantes e lojas e demais **espaços/serviços CCB**
- . consultar o **histórico** com informação de espectáculos/eventos anteriores